

Percepções de estudantes sobre a importância da internet na democratização do conhecimento em saúde

Edlaine Faria de Moura Villela¹

¹ Código ORCID: 0000-0002-7043-2007

Professora da Escola de Medicina da Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí. Goiás, Brasil

E-mail: edlaine@ufg.br

Tipo de contribuição: COMUNICAÇÃO

RESUMO

Garantir informação e comunicação em saúde de qualidade à população significa poder influenciar no comportamento de uma determinada comunidade. Neste contexto, as redes sociais têm ganhado considerável espaço quando a discussão envolve o desejo de mudança social, pois é no cotidiano que as pessoas agem, interagem, formulam e trocam ideias e opiniões, inclusive sobre saúde, o que pode levar à transformação do comportamento da sociedade. O Objetivo desse estudo foi descrever as percepções de estudantes de medicina sobre o acesso à informação em saúde, com enfoque na importância deste processo não somente para a formação em saúde, mas também como ferramenta para inclusão digital e cidadania. O trabalho possui como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais. Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, de abordagem quantitativa e qualitativa. Foi feita aplicação de questionários para 150 estudantes de medicina no ano de 2017. A análise dos dados foi feita por meio do Discurso do Sujeito Coletivo. Foi utilizado o Qualiquantsoft para tabulação dos dados. A partir da coleta e análise dos dados obtidos, observou-se que a faixa etária dos alunos entrevistados variou de 18 a 30 anos de idade, em ambos os questionários. A maioria dos alunos abordados respondeu que fazem uso de fontes de informação semanalmente (81%). 96% praticam o uso da internet; 73% buscam publicações na área da saúde; e 63% consultam profissionais de saúde para obter informações. Notou-se que os locais mais utilizados para o acesso à informação são a própria residência e a universidade (80% e 69%, respectivamente). A respeito das ferramentas on-line, a maioria dos estudantes respondeu que preferem websites com conteúdos médicos/portais de saúde (76%) e bases de dados/periódicos (71%). Tais resultados, portanto, corroboram com a discussão feita a respeito da presença da internet no cotidiano dos estudantes. Quanto ao impacto que a informação em saúde tem em suas vidas, os alunos relataram que a informação contribui para o conhecimento acadêmico, para o desenvolvimento pessoal e profissional dos mesmos e para a promoção da cidadania (85%, 80% e 78%, respectivamente). A maioria dos entrevistados considera que o estudo sobre a informação em saúde é benéfico e essencial (80%) para o processo de humanização dos profissionais de saúde, e especificamente, para a humanização dos futuros médicos. Assim, observa-se que os estudantes de medicina reconhecem a importância da ciência aberta para garantia do acesso à informação e comunicação em saúde.

Palavras-chave: informação em saúde; inclusão digital; formação em saúde; transformação social; acesso à informação.

ABSTRACT

Ensuring information and communication in quality health to the population means being able to influence the behavior of a given community. In this context, social networks have gained considerable space when the discussion involves the desire for social change, since it is in everyday life that people act, interact, formulate and exchange ideas and opinions, including about health, which can lead to the transformation of behavior of society. The purpose of this study was to describe the perceptions of medical students about access to health information, focusing on the importance of this process not only for health education, but also as a tool for digital inclusion and citizenship. The work has as theoretical reference the Theory of Social Representations. This is an exploratory descriptive research, with a quantitative and qualitative approach. Questionnaires were applied to 150 medical students in 2017. Data analysis was done through the Collective Subject Discourse. Qualiquantisoft was used to tabulate the data. From the data collection and analysis, it was observed that the age range of the students interviewed ranged from 18 to 30 years of age in both questionnaires. Most of the students surveyed answered that they use information sources weekly (81%). 96% practice using the internet; 73% seek publications in the health area; and 63% consult health professionals for information. It was noticed that the most used places for access to information are the residence and university (80% and 69%, respectively). Regarding online tools, most students responded that they preferred websites with medical content/health portals (76%) and databases/journals (71%). These results, therefore, corroborate with the discussion about the presence of the internet in the daily life of students. Regarding the impact that health information has on their lives, students reported that information contributes to academic knowledge, personal and professional development, and the promotion of citizenship (85%, 80% and 78%, respectively). Most of the interviewees consider that the study on health information is beneficial and essential (80%) for the humanization process of health professionals, and specifically for the humanization of future physicians. Thus, it is observed that medical students recognize the importance of open science to guarantee access to information and communication in health.

Keywords: health information; digital inclusion; health formation; social transformation; access to information.

1 Contexto

Ao falarmos sobre informação e comunicação em saúde, antes de tudo é importante compreendermos o significado de ambos os termos. Sobre informação, temos que esta se refere ao conteúdo, isto é, à mensagem que se quer transmitir. Garantir informação em saúde de qualidade à população significa poder influenciar no comportamento de uma determinada comunidade. Já a comunicação é a maneira como a informação será repassada; depende de um veículo (jornais, revistas, websites, congressos, seminários, oficinas, etc.) e principalmente de uma linguagem adequada, ou seja, adaptada ao momento e ao grau de entendimento dos envolvidos. Para ser efetiva, a comunicação depende tanto do emissor quanto do receptor. Comunicação em saúde diz respeito ao estudo e utilização de estratégias de comunicação para informar e para influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem a sua saúde (TEIXEIRA, 1996). A informação na área da saúde deve estar voltada tanto aos profissionais do ramo, gestores e estudantes da saúde, como também à população. Por isso é importante o desenvolvimento de ações em prol da organização, armazenamento e divulgação dessas informações, bem como o estudo da melhor maneira de se fazer tal comunicação. O objetivo dos meios de comunicação é possibilitar que a informação esteja ao acesso de todos, promovendo uma inclusão discursiva, que dê voz a mais de um ator social (BRASIL, 2007).

No entanto, evidências de falhas de comunicação na área da saúde são vistas frequentemente, quando, por exemplo, não ocorre aconselhamento do profissional ao paciente sobre sua condição de saúde, problemas psicossociais não são diagnosticados ou mesmo quando o paciente não é capaz de lembrar o que foi falado e indicado pelo médico que o atendeu (GROSSEMAN, 2008).

Neste contexto, as redes sociais têm ganhado considerável espaço quando a discussão envolve o desejo de mudança social, pois é no cotidiano que as pessoas agem, interagem, formulam e trocam ideias e opiniões, inclusive sobre saúde, o que pode (ou não) levar à transformação do comportamento da sociedade. (MARTELETO e STOTZ, 2009).

Pensando nisso, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais, lançadas em 2014, trazem uma proposta de ensino modificada, a fim de fornecer uma combinação de habilidades técnicas, associado a um programa de treinamento humanizado, que seja capaz de gerar impacto sobre as demandas de saúde da população brasileira (BRASIL, 2014). Tudo isso com o objetivo de transformar a educação dos profissionais da saúde, especialmente a dos médicos, que antes era voltada basicamente ao tecnicismo, mas que agora pode ser complementada pelo estudo das ciências humanas.

Sendo o curso de medicina da Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí um curso novo, inaugurado no segundo semestre de 2014 e estruturado com base nas novas diretrizes, o presente estudo procurou compreender o entendimento dos alunos do primeiro ano a respeito da informação e comunicação em saúde e como o curso e os novos módulos estariam influenciando os estudantes sobre esse aspecto.

2 Objetivo

Descrever as percepções de estudantes de medicina sobre o acesso à informação e comunicação em saúde, com enfoque na importância da comunicação, educação e formação em saúde na sociedade no contexto da inclusão digital e cidadania.

3 Metodologia

3.1 População e período de estudo

A população escolhida para o estudo foram os 150 alunos do curso de Medicina da Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí, no período de 2014 a 2017.

3.2 Coleta e análise dos dados

A estratégia adotada para a coleta dos dados foi a aplicação de questionários, desenvolvidos por alunos e professores do Grupo de pesquisa em Epidemiologia e Saúde Coletiva (EPICOL/CNPq) da UFG Regional Jataí, para que fossem avaliadas crenças e opiniões de estudantes sobre a importância da informação e comunicação em saúde no contexto das ciências médicas. Para isso, foram elaborados dois questionários: um com enfoque na informação em saúde, e outro com enfoque na comunicação em saúde.

Optou-se por questionário em vez de entrevista devido ao tempo para realização da pesquisa, além do fator custo. Além do mais, a entrevista permite intervenção do pesquisador, o qual pode induzir a pessoa responder o que ele quer que seja respondido em cada pergunta (GIL, 2009). As perguntas foram formuladas de maneira clara e concreta, possibilitando apenas uma única interpretação. Também se considerou a importância de não sugerir respostas dentro da própria pergunta.

Relativo à ordem das questões, adotou-se a “técnica do funil”.⁵ Essa técnica afirma que cada questão deve relacionar-se com a antecedente e apresentar mais especificidade que a anterior. A teoria utilizada para fundamentar o projeto de pesquisa é a Teoria das Representações Sociais

(JODELET, 2001; MOSCOVICI, 2009). A análise e interpretação dos dados será feita por meio do Discurso do Sujeito Coletivo, com auxílio do software QualiquantiSoft (LEFEVRE e LEFEVRE, 2005).

3.3 Aspectos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição envolvida, obtendo aprovação para execução (CAAE: 48714015.5.0000.5083). Os alunos que concordaram em participar do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, nos termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa.

4 Resultados e Discussão

A partir da coleta e análise dos dados obtidos, observou-se que a faixa etária dos alunos entrevistados variou de 18 a 30 anos de idade, em ambos os questionários. No tocante ao acesso às fontes de informação relacionadas à saúde, a maioria dos alunos abordados respondeu que fazem uso de fontes de informação semanalmente (81%). Este resultado apresentado pode ser reflexo da facilidade de acesso aos meios de comunicação atualmente. Neste estudo, foi encontrado que: 96% praticam o uso da internet; 73% buscam publicações na área da saúde; e 63% consultam profissionais de saúde para obter informações. Notou-se que os locais mais utilizados para o acesso à informação são a própria residência e a universidade (80% e 69%, respectivamente). Tal resultado confirma que o acesso a meios eletrônicos e à internet facilitaram a busca pela informação.

Nesse contexto, GARBIN et al. (2012) atribuíram importância à internet na área da informação, visto que a mesma exerce um papel de estímulo a postura do usuário, que passa a ser ativa, ou seja, é coparticipante no processo de produzir, acessar e divulgar informação. CASTELLS (1996) defendia que o mundo estava entrando na “Era da Informação” e que a internet seria responsável por grandes transformações sociais. De forma semelhante, foram apresentados dados comprovando que a internet foi o meio de comunicação que mais rapidamente conseguiu se propagar e atingir valores exponenciais de usuários, estimando que, em 2014, 1 em cada 10 pessoas vivas tinham acesso a ela (GARBIN et al., 2012).

As informações que mais despertam o interesse e buscas entre os entrevistados são sintomas, causas das doenças e informações gerais sobre saúde (70%, 69% e 68%, respectivamente). Ao responderem sobre a finalidade, 76% relataram que as buscas são feitas para auxiliar nos estudos e 69% mencionaram a importância para ter conhecimento de sintomas e diagnósticos das doenças.

Os achados neste estudo corroboram com outros estudos realizados com a comunidade geral, e não apenas com estudantes na área da saúde. Ao procurar conhecer sobre as doenças e tratamentos, os indivíduos estão preparados para fazer perguntas e sentem-se confiantes a respeito do controle de suas próprias vidas (GARBIN et al., 2012; Villela et al., 2017).

Para avaliarmos a adesão dos entrevistados aos meios eletrônicos ou impressos, os mesmos responderam sobre qual formato era preferido por eles para determinados materiais de informação. Os resultados demonstraram então que somente as bulas de remédios ainda são preferidas de maneira impressa, sendo os demais exemplos preferidos no formato on-line.

Nota-se aqui a importância em anexar as bulas junto aos medicamentos, pois elas são consideradas importantes fontes de informação para os usuários de medicamentos, mesmo que ainda seja utilizada uma linguagem que não seja totalmente compreendida por todos. Além de informar, as bulas promovem o uso racional dos medicamentos, alertam sobre os riscos relacionados ao uso daquela droga e reforçam quanto à necessidade da prescrição. Tudo isso, em consonância ao processo educativo dos usuários, segundo os propósitos da Política Nacional de Medicamentos (CALDEIRA et al., 2008).

A respeito das ferramentas on-line, a maioria dos estudantes respondeu que preferem websites com conteúdos médicos/portais de saúde (76%) e bases de dados/periódicos (71%). Tais resultados, portanto, corroboram com a discussão feita a respeito da presença da internet no cotidiano dos estudantes. Quanto ao impacto que a informação em saúde tem em suas vidas, os alunos relataram que a informação contribui para o conhecimento acadêmico, para o desenvolvimento pessoal e profissional dos mesmos e para a promoção da cidadania (85%, 80% e 78%, respectivamente).

Todos os alunos participantes do estudo consideram a comunicação em saúde para as ciências médicas como muito importante. Além disso, a grande maioria deles considera que a comunicação em saúde é capaz de influenciar não só vida de um indivíduo, como também é capaz de mudar a realidade das suas comunidades.

SILVA E ROCHA (2013) destacam a comunicação como um meio de construção e implementação de políticas públicas, visto que ela participa na tomada de decisões, ampliando debates e considerando as pluralidades da sociedade. Além disso, os autores confirmam as respostas dos nossos entrevistados, ao falar que a comunicação em saúde fortalece a cultura popular, auxiliando na construção de projetos terapêuticos comprometidos com a vida e os direitos dos usuários.

Quando questionados quanto à qualidade da comunicação em saúde no âmbito da universidade, 23% dos estudantes consideraram que essa comunicação é regular. Quando questionados sobre a qualidade da comunicação no Sistema Único de Saúde (SUS), 54% afirmaram ser regular e 26% afirmaram ser ruim.

SILVA E ROCHA (2013) apresentam que é importante um trabalho em equipe, realizado de forma multidisciplinar e multiprofissional a fim de promover um cuidado com acolhimento, vínculo, diálogo, interação. No entanto, os autores reconhecem que as práticas de saúde no Brasil são historicamente organizadas de maneira hierarquizada e centralizada, o que acaba dificultando a efetividade e a qualidade no processo de comunicação. Dessa forma, atribuímos a essa deficiência na "divisão do cuidado" o resultado negativo apresentado neste estudo, no qual observou-se que nem sempre a informação é compartilhada no local de trabalho (55%).

Sobre o público com quem costuma compartilhar assuntos importantes abordados em uma consulta, a grande parte dos alunos respondeu que comentam essas informações com pessoas da família e em menor proporção com amigos e colegas de faculdade ou trabalho. No que tange ao local onde mais partilham sobre esse assunto, os eventos sociais foram os mais citados (48%).

A cerca dos fatores determinantes na qualidade da comunicação em saúde, os estudantes elencaram como mais importantes o nível de escolaridade (97%) e o acesso aos meios de comunicação, como rádio, TV e internet (61%).

GARBIN et al. (2012) nos apresentam que, de acordo com a 5ª Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil, o percentual de usuários que acessam a internet de suas residências cresceu de 42% para 48%. Por outro lado, os autores apresentam que há uma relação inversa entre nível de renda e escolaridade quanto ao uso da internet. Relatam ainda que as principais atividades desenvolvidas na internet, observadas no TIC domicílios, são a comunicação (90%), o lazer (86%), a busca de informações e de serviços online (89%) e a educação (72%). E que ainda, do total de usuários da internet, 39% apontaram a busca de informações relacionadas à saúde e de serviços de saúde como atividade desenvolvida online.

Questionados sobre como proceder, caso o paciente não compreendesse as informações repassadas, a maioria dos entrevistados assinalaram que tentariam utilizar uma linguagem mais acessível (99%) e/ou que tentariam se comunicar com um acompanhante do paciente (27%). Uma minoria assinalou que chamaria outro profissional para auxiliá-lo (5%) e somente uma pessoa assinalou que orientaria o paciente a se instruir melhor.

Com relação à preparação dos alunos para se comunicarem com outras pessoas ou mesmo os pacientes em suas práticas de integração ensino-serviço-comunidade, os estudantes tiveram que

escolher uma nota de 1 a 5, sendo 1-2 péssimo ou ruim, 3 regular e 4-5 como boa ou ótima: 11% classificaram como ruim ou péssima; 39% como regular e 50% classificaram como boa ou ótima. O resultado dessa questão aponta, portanto, que os alunos não se sentem aptos para se comunicarem com pacientes, profissionais de saúde e seus pares em atividades práticas durante a graduação.

No tocante aos módulos de ensino que compõem a grade curricular dos dois primeiros períodos do curso de Medicina da UFG – Regional Jataí, os entrevistados tiveram que classificar quais deles mais contribuíam para o progresso dos alunos na comunicação. Dos quatro módulos de ensino existentes no curso, o Método Clínico foi mais votado entre eles (32%), seguido pelo módulo Saúde, Família e Sociedade (31%). Tal resultado se justifica pelo fato de que no primeiro ano de curso os alunos aprendem sobre semiologia médica, o que inclui a entrevista com o paciente e que no segundo os alunos têm contato teórico-prático com os sistemas de saúde, incluindo funcionários e pacientes. Um fato que chama atenção é que apenas 26% mencionaram o módulo Humanidades.

Em seguida, os alunos responderam a respeito do impacto que tem a comunicação e informação em saúde em outras áreas da vida. Para essa questão, a maior parte dos entrevistados considerou que esse assunto tem impacto relevante sobre os diversos âmbitos da vida (77%).

Buscou-se analisar ainda sobre o conhecimento que os alunos tinham sobre a “Comunicação e Informação em Saúde” antes do ingresso na faculdade de medicina. Como resposta, observamos que mais da metade dos estudantes desconhecia o assunto ou tinha apenas ouvido falar a respeito, mas sem envolver interesse no tema (69%). É um resultado preocupante, pois demonstra que a informação e comunicação em saúde podem estar restritas ao ambiente acadêmico e profissional, segregando os demais setores da sociedade.

A maioria dos entrevistados considera que o estudo sobre a informação em saúde é benéfico e essencial (80%) para o processo de humanização dos profissionais de saúde, e especificamente, para a humanização dos futuros médicos, de acordo com o perfil do egresso proposto pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de medicina (BRASIL, 2014). Assim, observa-se que, após o ingresso na faculdade, os estudantes de medicina demonstraram uma mudança nas suas perspectivas teóricas e práticas a respeito da informação e comunicação em saúde no contexto das ciências médicas, reconhecendo a importância da ciência aberta para garantia do acesso à informação e conseqüentemente, a garantia da inclusão digital.

A pesquisa realizada obteve resultados satisfatórios, os quais nos permitiram traçar o perfil dos estudantes de medicina de uma universidade pública. Temos, portanto, alunos que, antes de entrar na faculdade, não tinham muito domínio acerca do tema “Informação em Saúde”, muito

embora já exercessem uma postura ativa de buscas e pesquisas por essas informações, principalmente por meio da internet. Ficou nítida a importância da internet como principal fonte de informações para os estudantes e como a universalização do acesso a essa rede tem favorecido a democratização no que se refere à obtenção de informações e conhecimento pela maioria da sociedade.

Outro ponto interessante apresentado foi que os estudantes, muito embora não tenham consciência teórica sobre informação em saúde no início da faculdade, reconhecem que existem fontes de informação em saúde de maior confiabilidade e validade que outras, e esse reconhecimento é essencial para a educação e formação em saúde.

5 Considerações finais

A pesquisa realizada obteve resultados satisfatórios, os quais nos permitiram traçar o perfil dos estudantes de medicina de uma universidade pública. Temos, portanto, alunos que, antes de entrar na faculdade, não tinham muito domínio acerca do tema “Informação e comunicação em Saúde”, muito embora já exercessem uma postura ativa de buscas e pesquisas por essas informações, principalmente por meio da internet. Ficou nítida a importância da internet como principal fonte de informações para os estudantes e como a universalização do acesso a essa rede tem favorecido a democratização no que se refere à obtenção de informações e conhecimento pela maioria da sociedade.

Outro ponto interessante apresentado foi que os estudantes, muito embora não tenham consciência teórica sobre informação e comunicação em saúde no início da faculdade, reconhecem que existem fontes de informação em saúde de maior confiabilidade e validade que outras, e esse reconhecimento é essencial para a educação e formação em saúde.

Ademais, os alunos mostraram que a informação e a comunicação em saúde não são importantes apenas no âmbito escolar, mas que são igualmente importantes por sanar suas dúvidas pessoais relacionadas à sintomatologia e diagnóstico de doenças. Isso se apresenta, portanto, como estímulo à continuidade dos estudos voltados para essa área, visto que abrangem grande parte da sociedade e não somente os estudantes da saúde. Os estudantes perceberam inclusive a importância da área para aproximação de seus futuros pacientes.

A respeito da qualidade da comunicação no âmbito da universidade e do Sistema Único de Saúde, observou-se que a comunicação não tem sido efetiva, ou seja, não tem cumprido o seu papel de permitir a compreensão da mensagem entre um receptor e um emissor. E isso é o que justifica o

presente estudo: o reconhecimento de uma falha no processo de comunicação, que se inicia desde a universidade e vai até o ambiente de trabalho/prestação de serviço.

Somente o exercício prático da comunicação pode ser efetivo para melhorar a qualidade desse processo. Para que os funcionários do sistema de saúde se comuniquem bem com os usuários desse sistema, é preciso que também o façam entre si desde o seu processo de formação. É um exercício que exige empatia, respeito, observação e auto-avaliação constantes no processo educativo na área da saúde.

6 Bibliografia fundamental

Brasil. Ministério da Saúde. Conselhos Nacionais de Saúde. Relatórios das oficinas de Comunicação. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

Brasil. (2014). Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Medicina (DCN). Ministério da Educação. Resolução nº 3, de 20 de Junho de 2014. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Med.pdf>>. Acesso em: 13 jul.2017.

Caldeira, T. R. et al. (2008). Evolução histórica das bulas de medicamentos no Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(4):737-743, abr, 2008.

Castells, M. (1996). An introduction to the Information Age.

Garbin, H. B. R. et al. (2012) Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 22(1): 347-363, 2012.

Gil AC. Questionário. In: GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Grosseman S, Stoll C. O ensino-aprendizagem da relação médico-paciente: estudo de caso com estudantes do último semestre do curso de medicina. Rev Bras Educ Med, 32(3):301- 308, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v32n3/v32n3a04>> Acesso em 13 jul.2017.

Jodelet D. As representações sociais (tradução de ULUP, L.). Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2001.

Moscovici S. Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Lefèvre F, Lefèvre AMC. Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro, 2005.

Marteletto, R. M.; Stotz, E. N. Orgs. (2009). Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Belo Horizonte: UFMG, 176 p.

Silva VC, Rocha CMF. A comunicação em saúde no Sistema Único de Saúde: uma revisão de literatura. 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97638/000921305.pdf?sequence=1>> Acesso em: 27. Jul. 2017.

Teixeira, J. A. C. (1996) Comunicação e cuidados de saúde. Desafios para a psicologia da saúde. *Análise Psicológica*, 1996, 14 (1), 135-139.

Villela, E. F. M.; Almeida, W. S.; Nascimento, W. A. D.; Bollela, V. R. (2017). Medical students & community health workers learning together, 51: 551-552.